

FUGA DO CAMPO 14

FUGA DO CAMPO 14

A DRAMÁTICA JORNADA DE UM PRISIONEIRO DA
COREIA DO NORTE RUMO À LIBERDADE NO OCIDENTE

BLAINE HARDEN

TRADUÇÃO:
MARIA LUIZA X.
DE A. BORGES



Copyright © 2012 by Blaine Harden

TÍTULO ORIGINAL

Escape from Camp 14 – One Man's Remarkable Odyssey from North Korea to Freedom in the West

PREPARAÇÃO

Ana Kronemberger

REVISÃO

Bruno Fiuza
Clara Diamant

DIAGRAMAÇÃO

ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H236f

Harden, Blaine

Fuga do Campo 14 : a dramática jornada de um prisioneiro da Coreia do Norte rumo à liberdade no Ocidente / Blaine Harden ; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.

232p. : 21 cm

Tradução de: Escape from Camp 14 : one man's remarkable odyssey from North Korea to freedom in the west
ISBN 978-85-8057-165-3

1. Shin, Dong-hyuk. 2. Prisioneiros políticos - Coreia (Norte) - Biografia. 3. Campos de concentração - Coreia (Norte). 4. Trabalho forçado - Coreia (Norte). 5. Coreia (Norte) - Condições sociais. I. Título.

II. Título: Fuga do Campo Quatorze : a dramática jornada de um prisioneiro da Coreia do Norte rumo à liberdade no Ocidente.

12-0684.

CDD: 365.45092

CDU: 343.819.5(519.3)

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para os norte-coreanos que permanecem nos campos.

Não há nenhuma “questão dos direitos humanos” neste país,
pois todos levam uma vida extremamente digna e feliz.

— Agência Central de Notícias da Coreia [do Norte],

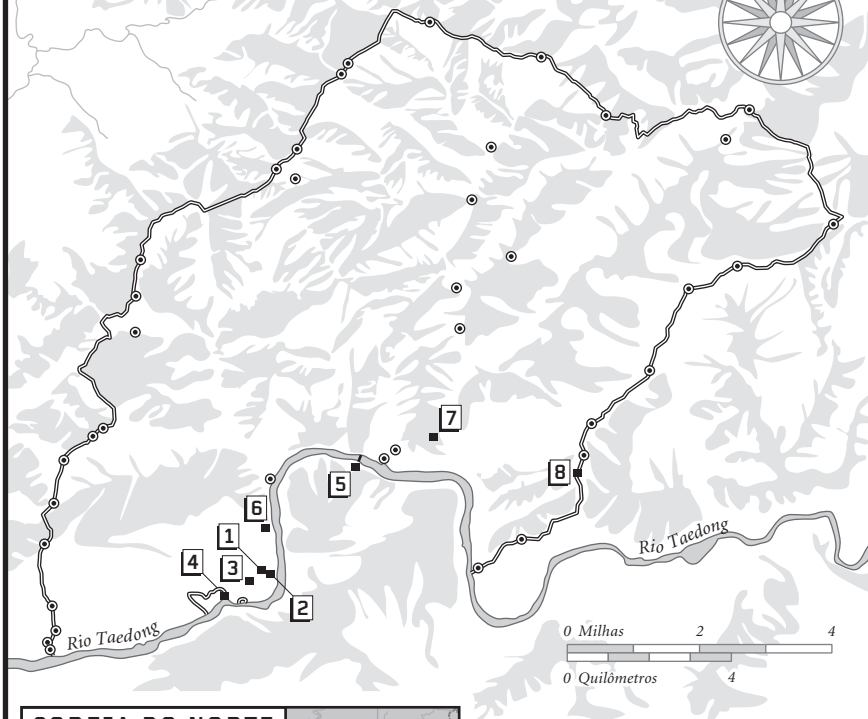
6 de março de 2009





O culto à personalidade que cerca a família Kim começou com o Grande Líder, Kim Il Sung (1912-1994), representado na propaganda oficial como um pai amoroso para seu povo.

MAPA DO CAMPO 14, SEGUNDO SHIN



COREIA DO NORTE

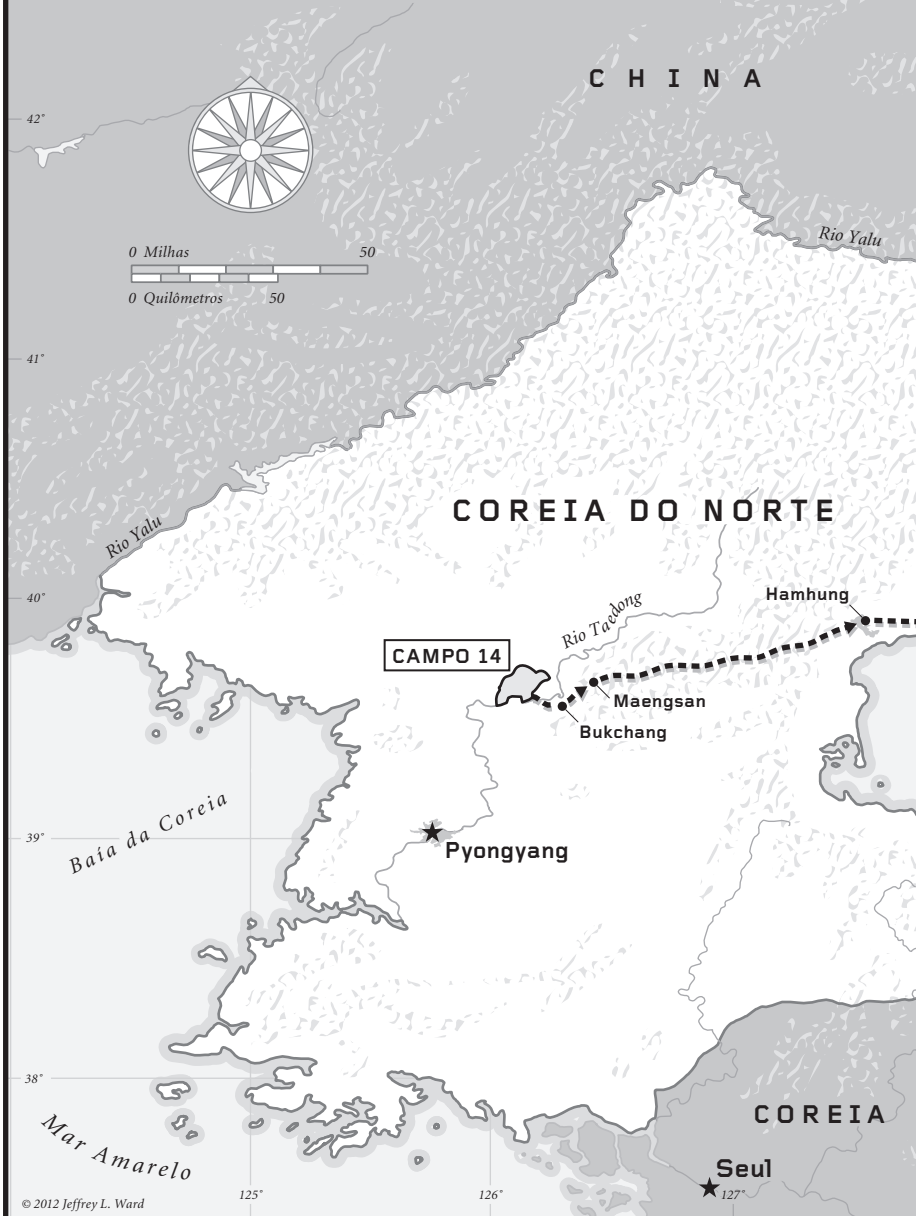


LEGENDAS

- Cerca do campo
- ⊙ Guarita
- 1** Casa de Shin Dong-hyuk
- 2** Campo de execução
- 3** Escola de Shin
- 4** Local onde a turma de Shin foi atormentada pelos filhos dos guardas
- 5** Represa onde Shin trabalhou e encontrou corpos
- 6** Fazenda de porcos onde Shin trabalhou
- 7** Fábrica de roupas onde Shin descobriu sobre o mundo lá fora
- 8** Cerca por onde Shin escapou

FUGA DE SHIN DO CAMPO 14 ATÉ A CHINA

Distância estimada: 592 km





PREFÁCIO

UM MOMENTO DIDÁTICO

Sua lembrança mais antiga é de uma execução.

Ele caminhava com a mãe rumo a uma plantação de trigo perto do rio Taedong, onde guardas tinham arrebanhado vários milhares de prisioneiros. Alvorçado pela multidão, o menino rastejou entre pernas adultas até a fileira da frente, onde viu um homem ser amarrado a um poste de madeira.

Shin In Geun tinha quatro anos, criança demais para compreender o discurso pronunciado antes do fuzilamento. Em dúzias de execuções em anos futuros, ele ouviria um guarda supervisor dizer à multidão que havia sido oferecida, ao prisioneiro prestes a morrer, a “redenção” por meio do trabalho árduo, porém ele rejeitara a generosidade do governo norte-coreano. Para impedir o prisioneiro de amaldiçoar o Estado que logo lhe tomaria a vida, guardas enchiam-lhe a boca de seixos, depois lhe cobriam a cabeça com um capuz.

Naquela primeira execução, Shin viu três guardas fazerem pontaria. Cada um atirou três vezes. As detonações de seus fuzis aterrorizaram o menino, que caiu de costas. Mas ele se levantou depressa, a tempo de ver ser desamarrado um corpo frouxo, ensanguentado, enrolado num cobertor e jogado numa carroça.

No Campo 14, uma prisão para os inimigos políticos da Coreia do Norte, era proibido formar grupos com mais de dois presos, a não ser nas exe-

ções. Todos tinham de presenciá-las. No campo de trabalhos forçados, a execução pública — e o medo que ela gerava — era um momento didático.

Os guardas de Shin, no campo, eram seus mestres — e seus criadores. Foram eles que selecionaram sua mãe e seu pai. Ensinaram-lhe que os prisioneiros que infringiam as regras mereciam a morte. Numa encosta perto de sua escola, estava afixado um lema: TUDO DE ACORDO COM AS REGRAS E OS REGULAMENTOS. O menino memorizou as dez regras do campo, “Os Dez Mandamentos”, como mais tarde os chamaria, e ainda é capaz de recitá-los de cor. O primeiro dizia: “Qualquer pessoa pega fugindo será imediatamente fuzilada.”

Dez anos depois daquela primeira execução, Shin retornou à mesma plantação. Mais uma vez, uma grande multidão se reunia. Mais uma vez, um poste de madeira havia sido fincado no chão. Uma força improvisada também fora construída.

Dessa vez, Shin chegou no banco de trás de um carro conduzido por um guarda. Usava algemas e uma venda feita com um trapo. Seu pai, também algemado e vendado, estava sentado a seu lado no carro.

Os dois haviam sido libertados depois de oito meses numa prisão subterrânea dentro do Campo 14. Como condição para sua libertação, tinham assinado documentos prometendo nunca mencionar o que lhes acontecera no subsolo.

Nessa prisão dentro de uma prisão, guardas tentaram arrancar, por meio de torturas, uma confissão de Shin e do pai. Queriam informações sobre a fuga frustrada da mãe e de seu único irmão. Despiram o garoto, amarraram-lhe os tornozelos e punhos com cordas e penduraram-no num gancho preso ao teto. Baixaram-no sobre uma fogueira. Ele desmaiou quando sua carne começou a queimar.

Mas não confessou nada. Nada tinha para confessar. Não conspirara para fugir com a mãe e o irmão. Acreditava no que os guardas lhe ensinaram desde que havia nascido, no campo: jamais poderia fugir e deveria denunciar quem quer que cogitasse o assunto. Nem em sonhos fantasiara sobre a vida lá fora.

Nunca lhe ensinaram o que todo norte-coreano que frequenta a escola aprende: os americanos são “canalhas” que conspiram para invadir e humilhar a pátria. A Coreia do Sul é a “puta” de seu patrão americano. A Coreia do Norte é um país grandioso cujos líderes corajosos e brilhantes são a inveja do mundo. Na verdade, ele ignorava a existência da Coreia do Sul, da China ou dos Estados Unidos.

Ao contrário de seus compatriotas, Shin não cresceu com a onipresente fotografia do Querido Líder, como Kim Jong Il era chamado. Nem tinha visto fotografias ou estátuas do pai de Kim, Kim Il Sung, o Grande Líder que fundou a Coreia do Norte e que continua a ser o Eterno Presidente do país, apesar de sua morte em 1994.

Embora não fosse suficientemente importante para merecer uma lavagem cerebral, Shin fora instruído a delatar seus familiares e os colegas de turma. Ganhava comida como recompensa e juntava-se aos guardas para surrar as crianças que traía. Seus colegas de turma, por sua vez, mexericavam sobre ele e o surravam.

Quando um guarda tirou-lhe a venda e ele viu a multidão, o poste de madeira e a forca, Shin acreditou que estava prestes a ser executado.

Mas não lhe enfiaram nenhum seixo na boca. As algemas foram removidas. Um guarda o levou para a frente. Ele e o pai seriam espectadores.

Os guardas arrastaram uma mulher de meia-idade até a forca e amarraram um rapaz no poste de madeira. Eles eram a mãe e o irmão mais velho de Shin.

Um guarda apertou um nó corrediço em volta do pescoço da mulher. Ela tentou capturar o olhar de Shin. Ele desviou os olhos. Depois que a mãe parou de se contorcer na ponta da corda, seu filho mais velho foi fuzilado por três guardas. Cada um atirou três vezes.

Enquanto os via morrer, Shin sentia-se aliviado por não estar em seu lugar. Estava zangado com a mãe e o irmão por planejarem uma fuga. Embora não tenha sido capaz de admitir aquilo para ninguém durante 15 anos, Shin sabia que era o responsável por aquelas execuções.

INTRODUÇÃO

NUNCA OUVIU A PALAVRA “AMOR”

Nove anos depois do enforcamento de sua mãe, Shin contorceu-se para atravessar uma cerca elétrica e saiu correndo pela neve. Era o dia 2 de janeiro de 2005. Até então, nenhuma pessoa nascida em um campo de prisioneiros políticos na Coreia do Norte havia conseguido fugir. Até onde é possível averiguar, ele ainda é o único que teve êxito.

Tinha 23 anos de idade e não conhecia ninguém do lado de fora da cerca.

Depois de um mês, ele entrou na China, a pé. Em 2007, dois anos após a fuga, estava vivendo na Coreia do Sul. Quatro anos mais tarde, morava no Sul da Califórnia e era um embaixador sênior da Liberty in North Korea (LiNK; Liberdade na Coreia do Norte), um grupo americano de defesa dos direitos humanos.

Na Califórnia, ele ia trabalhar de bicicleta, torcia para o time de beisebol Cleveland Indians (por causa do batedor sul-coreano, Shin-Soo Choo) e comia duas ou três vezes por semana no In-N-Out Burger, que, a seu ver, tinha o melhor hambúrguer do mundo.

Seu nome agora é Shin Dong-hyuk.* Ele fez a alteração depois de chegar à Coreia do Sul, numa tentativa de se reinventar como um homem

* Os nomes norte-coreanos não têm hifens, os sul-coreanos têm.

livre. É bonito, com olhos vivos, desconfiados. Um dentista de Los Angeles tratou de seus dentes, que não podiam ser escovados no cativeiro. Sua saúde física geral é excelente. O corpo, porém, é um verdadeiro mapa dos sofrimentos que decorrem de se crescer num campo de trabalhos forçados cuja existência o governo da Coreia do Norte insiste em negar.

Tolhido pela desnutrição, ele é baixo e franzino — 1,67 metro e 54,5 quilos. O trabalho infantil deixou-lhe com braços arqueados. A parte inferior das costas e as nádegas têm cicatrizes das queimaduras infligidas pelo fogo do torturador. A pele sobre o púbis exhibe a cicatriz da perfuração feita pelo gancho usado para prendê-lo sobre as chamas. Os tornozelos têm marcas de correntes que serviram para pendurá-lo de cabeça para baixo na solitária. O dedo médio da mão direita foi cortado na altura da primeira articulação, punição que recebeu de um guarda por derrubar uma máquina de costura numa fábrica de roupas do campo. As canelas, do tornozelo até o joelho, em ambas as pernas, são mutiladas e marcadas por cicatrizes de queimaduras provocadas pela cerca de arame farpado eletrificada que não foi capaz de mantê-lo no interior do Campo 14.

Shin tem mais ou menos a mesma idade que Kim Jong Eun, o gorducho terceiro filho de Kim Jong Il que assumiu o comando depois da morte de seu pai em 2011. Como contemporâneos, os dois personificam os antípodas de privilégio e privação na Coreia do Norte, uma sociedade pretensamente sem classes onde, na realidade, a criação e a linhagem determinam tudo.

Kim Jong Eun nasceu como um príncipe comunista e foi criado atrás das paredes de palácios. Foi educado sob um nome falso na Suíça e, de volta à Coreia do Norte, estudou numa universidade de elite que tem o nome de seu avô. Graças a sua estirpe, vive acima da lei. Para ele, tudo é possível. Em 2010, foi nomeado general de quatro estrelas do Exército do Povo Coreano, apesar da completa falta de experiência de campo nas forças armadas. Um ano depois, após a morte de seu pai, vitimado por um súbito ataque cardíaco, os meios de comunicação da Coreia do Norte o descreviam como “outro líder vindo do céu”. Porém, ele talvez seja obrigado a compartilhar sua ditadura terrena com parentes e autoridades militares.

Shin nasceu como escravo e foi criado atrás de uma cerca de arame farpado de alta voltagem. Numa escola do campo de trabalhos forçados, aprendeu a ler e a contar num nível rudimentar. Por ter o sangue maculado pelos supostos crimes dos irmãos de seu pai, não tinha nenhum dos direitos assegurados pela lei. Para ele, nada era possível. O plano de carreira que o Estado lhe prescrevia era trabalho árduo e uma morte prematura causada por alguma doença acarretada pela fome crônica — tudo isso sem uma acusação, um julgamento ou um recurso. E tudo em sigilo.

Nas histórias de sobreviventes a campos de concentração, há um arco narrativo recorrente. Forças de segurança roubam o protagonista de uma família amorosa e de um lar confortável. Para sobreviver, ele abandona princípios morais, reprime sentimentos por outras pessoas e deixa de ser um ser humano civilizado.

Em *A noite*, talvez a mais célebre dessas histórias, escrita por Elie Wiesel, ganhador do prêmio Nobel, o narrador de 13 anos explica seu tormento com uma descrição da vida normal que ele e a família levavam antes de serem socados em trens destinados aos campos da morte nazistas. Wiesel estudava o Talmude diariamente. Seu pai era dono de uma loja e zelava pela aldeia em que moravam na Romênia. O avô estava sempre presente para celebrar os feriados judaicos. Mas, depois que toda a família pereceu nos campos, Wiesel foi deixado “só, terrivelmente só, num mundo sem Deus, sem homem. Sem amor ou misericórdia”.

A história de sobrevivência de Shin é diferente.

A mãe o surrava, e ele a via como alguém que competia com ele pela comida. O pai, que só tinha permissão para dormir com a mulher cinco noites por ano, o ignorava. O irmão era um desconhecido. Truculentas, as crianças do campo não mereciam confiança. Antes de aprender qualquer outra coisa, ele aprendeu a sobreviver delatando todas elas.

Amor, misericórdia e família eram palavras sem significado. Deus não desapareceu ou morreu. Shin nunca ouvira falar dele.

No prefácio de *A noite*, Wiesel escreveu que o conhecimento de um adolescente sobre a morte e o mal “deveria ser limitado ao que se descobre na literatura”.

No Campo 14, Shin não sabia da existência da literatura. Lá, viu apenas um livro — uma gramática coreana, nas mãos de um professor que usava uniforme de guarda, carregava um revólver no quadril e que surrou até a morte uma colega da escola primária de Shin com uma vara usada para apontar o que escrevia no quadro-negro.

Ao contrário dos sobreviventes a um campo de concentração, Shin não foi arrancado de uma existência civilizada e obrigado a descer ao inferno. Ele nasceu e cresceu lá dentro. Aceitava seus valores. Chamava-o de lar.

Os campos de trabalhos forçados da Coreia do Norte já duram duas vezes mais tempo que o Gulag soviético e cerca de 12 vezes mais que os campos de concentração nazistas. Não há controvérsia sobre sua localização. Fotografias de alta resolução, feitas por satélites, acessíveis no Google Earth para qualquer pessoa que tenha uma conexão à internet, mostram vastas áreas cercadas que se esparramam entre as montanhas escarpadas da Coreia do Norte.

O governo da Coreia do Sul estima que eles abrigam cerca de 154 mil prisioneiros, enquanto o Departamento de Estado dos Estados Unidos e vários grupos de defesa dos direitos humanos calculam que sejam nada menos que duzentos mil. Após examinar uma década de imagens dos campos feitas por satélites, a Anistia Internacional observou novas construções dentro deles em 2011 e passou a temer que a população de prisioneiros estivesse aumentando, talvez para conter uma possível inquietação no momento em que o poder começou a ser transferido de Kim Jong Il para seu filho, jovem e inexperiente.¹

De acordo com o serviço de inteligência da Coreia do Sul e grupos de direitos humanos, existem seis campos. O mais extenso tem dois mil quilômetros quadrados, uma área maior que a da cidade de Los Angeles. Cercas de arame farpado eletrificadas — pontuadas por torres de vigilân-

cia e patrulhadas por homens armados — contornam a maior parte dos campos. Dois deles, os de número 15 e 18, têm zonas de reeducação, onde alguns detentos afortunados recebem instrução corretiva sobre os ensinamentos de Kim Jong Il e Kim Il Sung. Caso as memorizem o bastante e convençam os guardas de sua lealdade, eles podem ser libertados, mas são monitorados pelo resto de suas vidas por serviços de segurança do Estado.

Os demais campos são “distritos de controle total”, onde os prisioneiros, chamados de “irredimíveis”,² trabalham até a morte.

O campo de Shin, de número 14, é um distrito de controle total. Tem a reputação de ser o mais duro de todos em razão das condições de trabalho particularmente brutais ali vigentes, da vigilância de seus guardas e da visão implacável do Estado sobre a gravidade dos crimes cometidos por seus detentos, muitos dos quais são membros expurgados do partido no poder, do governo e das forças armadas, assim como suas famílias. Fundado em 1959, no centro da Coreia do Norte — perto de Kaechon, na província de Pyongan do Sul —, o Campo 14 abriga cerca de 15 mil prisioneiros. Em uma área com cerca de cinquenta quilômetros de comprimento por 25 quilômetros de largura, ele abriga fazendas, minas e fábricas distribuídas por vales íngremes.

Embora Shin tenha sido a única pessoa nascida num campo de trabalhos forçados a escapar para contar a história, há pelo menos outras 26 testemunhas oculares no mundo livre.³ Elas incluem pelo menos 15 norte-coreanos que estiveram presos no distrito de edificação do Campo 15, foram libertados e mais tarde apareceram na Coreia do Sul. Ex-guardas de outros campos também conseguiram chegar à Coreia do Sul. Kim Yong, um ex-tenente-coronel de Pyongyang, de origem privilegiada, passou seis anos em dois campos antes de fugir num trem usado para o transporte de carvão.

Uma síntese dos testemunhos dessas pessoas, feita pela Associação Coreana dos Advogados em Seul, traça um quadro detalhado da vida cotidiana nos campos: todos os anos, alguns prisioneiros são executados em público. Outros são surrados até a morte ou secretamente assassina-

dos por guardas, que praticamente têm carta branca para maltratá-los e estuprá-los. Em sua maioria, os detentos trabalham na agricultura, na extração de carvão, na confecção de uniformes militares ou na fabricação de cimento, subsistindo com uma dieta de fome de milho, repolho e sal. Perdem os dentes, as gengivas ficam pretas, os ossos se enfraquecem, e, quando chegam à casa dos quarenta anos, ficam arqueados na altura da cintura. Como recebem um conjunto de roupas uma ou duas vezes por ano, em geral eles trabalham e dormem vestindo trapos imundos, levando a vida sem sabão, nem meias, luvas, roupas de baixo ou papel higiênico. Jornadas de trabalho de 12 a 15 horas são obrigatórias até que os prisioneiros morram, em geral de doenças relacionadas à desnutrição, antes de completar cinquenta anos.⁴ Embora seja impossível obter números precisos, governos de países ocidentais e grupos de direitos humanos estimam que centenas de milhares de pessoas pereceram nesses campos.

Na maioria dos casos, os norte-coreanos são enviados para os campos sem nenhum processo judicial, e muitos morrem sem saber do que foram acusados. São retirados de suas casas, em geral à noite, pela Bowibu, a Agência de Segurança Nacional. A culpa por associação é legal na Coreia do Norte. Muitas vezes um transgressor é preso com os pais e os filhos. Kim Il Sung estabeleceu a lei em 1972: “Inimigos de classe, sejam eles quem forem, devem ter sua semente eliminada por três gerações.”

Encontrei-me pela primeira vez com Shin num almoço no inverno de 2008. Marcamos num restaurante no centro de Seul. Falante e faminto, ele devorou várias porções de arroz e carne bovina. Enquanto comia, contou-me, com a ajuda de um intérprete, como foi observar o enforcamento de sua mãe. Culpou-a pela tortura que sofreu e fez questão de acrescentar que ainda estava furioso. Disse que não tinha sido um “bom filho”, mas não quis explicar por quê.

Contou que, durante os anos que passou no campo, nunca ouviu a palavra “amor”, nem mesmo da boca de sua mãe, uma mulher a quem

continuava a desprezar, mesmo morta. Ouvira falar sobre o conceito de perdão numa igreja sul-coreana. Mas ele se confundia. Pedir perdão no Campo 14, disse ele, era a mesma coisa que “implorar para não ser punido”.

Ele tinha escrito um livro de memórias, mas a obra recebeu pouca atenção na Coreia do Sul. Estava desempregado, sem dinheiro, com aluguel vencido e sem saber o que fazer em seguida. As regras do Campo 14 o proibiram, sob pena de fuzilamento, de manter relações íntimas com uma mulher. Agora, queria uma namorada, mas não sabia como começar a procurar.

Depois do almoço, Shin levou-me ao apartamento acanhado e triste pelo qual não tinha condições de pagar. Embora não me olhasse nos olhos, mostrou-me o dedo amputado e as costas marcadas. Permitiu-me fotografá-lo. Apesar de todas as misérias que suportara, tinha um rosto de criança. Estava com 26 anos — três deles passados fora do Campo 14.

Eu tinha 56 anos por ocasião desse memorável almoço. Como correspondente do *Washington Post* no Nordeste da Ásia, vinha procurando havia mais de um ano uma reportagem que pudesse explicar de que maneira a Coreia do Norte usava a repressão para evitar sua desintegração.

A implosão política tornara-se minha especialidade. Para o *Post* e o *New York Times*, passei quase três décadas cobrindo estados falidos na África, o colapso do comunismo no Leste Europeu, a desintegração da Iugoslávia e o apodrecimento em câmara lenta de Mianmar sob os generais. Para quem via de fora, a Coreia do Norte parecia madura — na verdade, madura demais — para o tipo de colapso que eu testemunhara em outros lugares. Numa parte do mundo em que quase todos os outros países enriqueciam, seu povo via-se cada vez mais isolado, pobre e faminto.

Mesmo assim, a dinastia da família Kim mantinha a situação sob controle. A repressão totalitária preservava seu Estado falido.

Meu problema para mostrar o que o governo fazia era a falta de acesso. Em outras partes do mundo, Estados repressivos nem sempre conseguiam vedar suas fronteiras. Pude trabalhar abertamente na Etiópia de Mengistu, no Congo de Mobutu e na Sérvia de Milosevic, e entrei disfarçado de turista em Mianmar para escrever sobre o país.

A Coreia do Norte era muito mais cautelosa. Repórteres estrangeiros, em especial americanos, raramente eram admitidos. Visitei-a apenas uma vez, vi o que meus acompanhantes queriam que eu visse e pouco aprendi. Se entrassem ilegalmente, os jornalistas corriam o risco de passar meses na prisão, como espíões. Para ganhar a liberdade, precisavam por vezes da ajuda de um ex-presidente americano.⁵

Dadas essas restrições, os relatos sobre o país eram, em sua maior parte, distantes e ocios. Escritas de Seul, Tóquio ou Pequim, as reportagens começavam com um relato da última provocação de Pyongyang, como afundar um navio ou fuzilar um turista. Depois as enfadonhas convenções do jornalismo entravam em jogo: autoridades americanas e sul-coreanas expressavam indignação. Autoridades chinesas exigiam moderação. Especialistas opinavam sobre o que isso poderia significar. Excedi minha cota desse tipo de matéria.

Shin, entretanto, destruiu essas convenções. Sua vida destrancava a porta, permitindo que o mundo exterior enxergasse como a família Kim se sustentava mediante escravidão infantil e assassinato. Alguns dias após o nosso encontro, a simpática foto de Shin e sua consternadora história ocuparam um lugar de destaque na primeira página do *Washington Post*.

“Puxa!”, escreveu Donald G. Graham, presidente da Washington Post Company, num e-mail de uma só palavra que recebi na manhã após a publicação da matéria. Um cineasta alemão, que visitou por acaso o Museu Memorial do Holocausto de Washington no dia em que a reportagem foi publicada, decidiu fazer um documentário sobre a vida de Shin. O *Washington Post* publicou um editorial dizendo que a brutalidade suportada por ele era horripilante, mas a indiferença do mundo à existência dos campos de trabalhos forçados da Coreia do Norte era igualmente horripilante.

“Estudantes secundaristas nos Estados Unidos discutem por que o presidente Franklin D. Roosevelt não bombardeou as ferrovias que serviam aos campos de concentração de Hitler”, concluía o editorial. “Daqui

a uma geração, as crianças poderão perguntar por que o Ocidente olhou fixamente para imagens de satélite dos campos de Kim Jong Il, muito mais nítidas, e nada fez.”

A história de Shin comoveu profundamente os leitores comuns. Eles escreveram cartas e enviaram e-mails oferecendo dinheiro, hospedagem e preces.

Um casal de Columbus, Ohio, viu a reportagem, localizou Shin e pagou sua viagem para os Estados Unidos. Lowell e Linda Dye lhe disseram que queriam ser para ele os pais que nunca tivera.

Em Seattle, Harim Lee, uma jovem americana de origem coreana, leu a reportagem e rezou para conhecer Shin um dia. Mais tarde, ela o procurou no Sul da Califórnia e os dois se apaixonaram. Meu artigo havia apenas roçado a superfície da vida do rapaz. Ocorreu-me que um relato mais profundo revelaria o mecanismo secreto que legitima o governo totalitário na Coreia do Norte. Mostraria também — através dos detalhes da improvável fuga de Shin — como parte desse mecanismo opressivo está sucumbindo, permitindo a um inexperiente e jovem fugitivo vagar sem ser detectado por um Estado policial e cruzar a fronteira com a China. De igual importância seria o fato de que ninguém poderia ignorar a existência dos campos depois de ler um livro sobre um jovem preparado pela Coreia do Norte para morrer de tanto trabalhar.

Perguntei a Shin se estaria interessado. Ele levou nove meses para chegar a uma decisão. Durante esse tempo, ativistas dos direitos humanos na Coreia do Sul, no Japão e nos Estados Unidos exortaram-no a cooperar, dizendo-lhe que um livro em inglês despertaria uma consciência mundial, aumentaria a pressão internacional sobre a Coreia do Norte e talvez lhe permitisse ganhar um pouco do dinheiro de que tanto necessitava. Depois que aceitou, Shin tornou-se disponível para sete rodadas de entrevistas, primeiro em Seul, depois em Torrance, na Califórnia, e por fim em Seattle, no estado de Washington. Ele e eu concordamos em dividir em partes iguais todo o faturamento do livro. Nosso acordo, porém, me deu controle sobre o conteúdo.

Shin começou a manter um diário no início de 2006, cerca de um ano depois de fugir da Coreia do Norte. Em Seul, quando foi hospitalizado com depressão, continuou a escrevê-lo. O diário tornou-se a base para um livro de memórias em coreano, *Escape to the Outside World* (Fuga para o mundo exterior), publicado em Seul em 2007 pelo Database Center for North Korean Human Rights (Centro de Dados para os Direitos Humanos na Coreia do Norte).

As memórias foram o ponto de partida para nossas entrevistas. Foram também a fonte de muitas das citações diretas atribuídas neste livro a Shin, sua família, amigos e carcereiros no tempo que ele passou na Coreia do Norte e na China. Mas todos os pensamentos e ações atribuídos a Shin nestas páginas baseiam-se em múltiplas entrevistas, durante as quais ele esmiuçou e, em muitos casos decisivos, corrigiu seu livro de memórias.

Ao mesmo tempo em que cooperava, Shin parecia ter receio de falar comigo. Muitas vezes senti-me como um dentista usando a broca sem anestesia. A broca funcionou de maneira intermitente por mais de dois anos. Algumas de nossas sessões foram catárticas para ele; muitas outras o deixaram deprimido.

Ele se esforçava para confiar em mim. Como admite prontamente, tem que se esforçar para confiar em qualquer pessoa. É uma consequência inevitável do modo como foi criado. Foi ensinado pelos guardas a trair os pais e os amigos, e ele supõe que todo mundo que conhece o trairá, da mesma forma.

Ao escrever este livro, precisei, por vezes, me esforçar para confiar em Shin. Em nossa primeira entrevista, ele me induziu ao erro sobre seu papel na morte da mãe, e continuou a fazê-lo em mais de uma dúzia delas. Quando mudou a história, comecei a me preocupar com o que mais ele poderia ter inventado.

A verificação de fatos não é possível na Coreia do Norte. Nenhum estrangeiro visitou seus campos para prisioneiros políticos. Relatos sobre o que se passa dentro deles não podem ser confirmados de maneira independente. Embora imagens de satélite tenham contribuído muito para que o mundo exterior entenda mais sobre os campos, os desertores con-

tinuam sendo as principais fontes de informação. Suas motivações e seu grau de credibilidade não são imaculados. Na Coreia do Sul e em outros lugares, eles se encontram muitas vezes desesperados para ganhar a vida, dispostos a confirmar as ideias preconcebidas dos ativistas dos direitos humanos, dos missionários anticomunistas e dos ideólogos de direita. Alguns sobreviventes de campos recusam-se a falar sem receber dinheiro vivo antecipadamente. Outros repetem episódios impressionantes de que ouviram falar, mas que não testemunharam em primeira mão.

Embora permanecesse desconfiado, Shin respondeu a todas as perguntas que fui capaz de conceber sobre seu passado. Sua vida pode parecer inacreditável, mas faz eco às experiências de outros ex-prisioneiros nos campos, bem como aos relatos de ex-guardas dos campos.

“Tudo que Shin disse é compatível com o que ouvi sobre os campos”, afirmou David Hawk, um especialista em direitos humanos que entrevistou Shin e mais de duas dezenas de ex-prisioneiros de campos de trabalhos forçados para “The Hidden Gulag: Exposing North Korea’s Prison Camps” (O Gulag oculto: denunciando os campos de prisioneiros da Coreia do Norte), um relatório que associa relatos de sobreviventes a imagens de satélite. Ele foi publicado pela primeira vez em 2003 pelo Comitê Norte-Americano pelos Direitos Humanos na Coreia do Norte e atualizado à medida que mais testemunhos e mais imagens de alta resolução se tornaram disponíveis. Hawk explicou-me que, por ter nascido e crescido num campo, Shin sabe de coisas que outros sobreviventes desconhecem. A história que ele contou foi também cuidadosamente examinada pelos autores do “White Paper on Human Rights in North Korea” (Relatório sobre os direitos humanos na Coreia do Norte) da Associação Coreana dos Advogados. Eles conduziram extensas entrevistas com Shin, bem como com outros sobreviventes conhecidos que se dispuseram a falar. Como Hawk escreveu, a única maneira que a Coreia do Norte teria para “refutar, contradizer ou invalidar” o testemunho de Shin e de outros sobre os campos seria permitir que especialistas estrangeiros os visitassem. Caso contrário, declara Hawk, o testemunho deles se mantém.

Se o país de fato desmoronar, Shin talvez esteja correto ao prever que seus líderes, temendo julgamentos por crimes de guerra, demolirão os campos antes que investigadores consigam chegar até eles. Como Kim Jong Il explicou: “Devemos envolver nosso ambiente num denso nevoeiro para impedir que nossos inimigos aprendam qualquer coisa sobre nós.”⁶

Para tentar reunir num todo coerente o que eu não podia ver, passei muito tempo durante três anos escrevendo sobre as forças armadas, a liderança, a economia, a escassez de alimentos e os abusos contra os direitos humanos na Coreia do Norte. Entrevistei um grande número de desertores, inclusive três ex-detentos do Campo 15 e um ex-guarda e motorista que serviu em quatro campos de trabalhos forçados. Conversei com estudiosos e tecnocratas sul-coreanos que viajam regularmente para a Coreia do Norte e examinei o crescente corpo de pesquisas acadêmicas e memórias pessoais que versam sobre os campos. Nos Estados Unidos, conduzi longas entrevistas com americanos de origem coreana que se tornaram os amigos mais chegados de Shin.

Ao avaliar a história aqui relatada, é preciso ter em mente que muitos outros presos passaram por adversidades semelhantes ou piores, segundo An Myeong Chul, o ex-guarda e motorista. “Shin teve uma vida relativamente confortável pelos padrões de outras crianças nos campos”, disse ele.

Ao explodir bombas nucleares, atacar a Coreia do Sul e cultivar uma reputação de beligerância desencadeada ao menor estímulo, o governo da Coreia do Norte provocou uma situação semipermanente de emergência de segurança na península coreana.

Todas as vezes que se dignou a participar da diplomacia internacional, a Coreia do Norte conseguiu excluir os direitos humanos das pautas de discussão. A administração de crises, em geral concentrada em armas nucleares e mísseis, dominou as negociações americanas com o país.

Os campos de trabalhos forçados foram uma reflexão posterior.

“Conversar com eles sobre os campos é algo que ainda não foi possível”, disse-me David Straub, que trabalhou no Departamento de Estado durante

os anos Clinton e Bush como funcionário graduado responsável pela política com a Coreia do Norte. “Eles ficam doidos quando se fala no assunto.”

Os campos mal alfinetaram a consciência coletiva do mundo. Nos Estados Unidos, apesar de notícias nos jornais, a ignorância sobre sua existência continua muito difundida. Durante vários anos em Washington, uma meia dúzia de desertores e sobreviventes de campos da Coreia do Norte reunia-se toda primavera para discursos e passeatas. A imprensa da capital dava-lhes pouca atenção. Parte da razão era a língua. A maioria dos desertores só falava coreano. De igual importância, numa cultura de mídia que se alimenta da celebridade, era o fato de nenhum astro de cinema, nenhum ídolo pop, nenhum ganhador do prêmio Nobel dar um passo à frente para pedir um investimento emocional numa questão distante, que não seria capaz de render boas imagens.

“Os tibetanos têm o Dalai Lama e Richard Gere, os mianmarense têm Aung San Suu Kyi, os darfurianos têm Mia Farrow e George Clooney”, disse-me Suzanne Scholte, uma ativista de longa data que levou sobreviventes de campos para Washington. “Os norte-coreanos não têm ninguém assim.”

Shin me disse que não merece falar pelas dezenas de milhares que continuam nos campos. Envergonha-se do que fez para sobreviver e fugir. Resistiu a aprender inglês, em parte porque não quer contar sua história muitas e muitas vezes numa língua que poderia torná-lo importante. Mas quer desesperadamente que o mundo compreenda o que a Coreia do Norte tentou esconder com tanta diligência. Carrega um grande peso. Nenhuma outra pessoa nascida e criada nos campos fugiu para explicar o que acontecia lá dentro — o que ainda acontece lá dentro.

CAPÍTULO 1

O MENINO QUE COMIA O ALMOÇO DA MÃE

Shin morava com a mãe nos melhores alojamentos que o Campo 14 tinha a oferecer: uma “aldeia-modelo” próxima de um pomar e bem em frente à plantação de trigo onde ela foi enforcada mais tarde.

Cada uma das quarenta construções de um pavimento da aldeia abrigava quatro famílias. Shin e a mãe tinham um quarto só para si, onde dormiam lado a lado num piso de concreto. As quatro famílias compartilhavam uma cozinha comunitária, com uma única lâmpada descoberta. Havia eletricidade por duas horas ao dia, das quatro às cinco da manhã e das dez às 11 da noite. As janelas eram feitas de vinil cinza, opaco demais para se ver através dele. Os quartos eram aquecidos — à moda coreana — por uma fogueira de carvão na cozinha com tubos condutores que passavam sob o piso dos quartos. O campo tinha suas próprias minas de carvão e havia disponibilidade de combustível para o aquecimento.

Não existiam camas, cadeiras ou mesas. Não havia água corrente. Nenhum banheiro ou chuveiro. No verão, os prisioneiros que desejavam se banhar às vezes iam furtivamente até o rio. Cerca de trinta famílias se serviam do mesmo poço de água potável. Compartilhavam também uma latrina, dividida ao meio para homens e mulheres. Era obrigatório defecar e urinar ali, porque os excrementos humanos eram usados como fertilizante na fazenda do campo.

Nas ocasiões em que conseguia cumprir sua cota diária de trabalho, a mãe de Shin podia levar comida para aquela noite e o dia seguinte. Às quatro da manhã, ela preparava o desjejum e o almoço para o filho e para si. Todas as refeições eram iguais: mingau de milho, repolho na salmoura e sopa de repolho. Shin comeu essa refeição praticamente todos os dias durante 23 anos, a menos que fosse punido e impedido de comer.

Quando ele ainda não tinha idade para ir à escola, sua mãe muitas vezes o deixava sozinho em casa, pela manhã, e voltava dos campos ao meio-dia para o almoço. Sempre esfomeado, o menino comia seu almoço assim que a mãe saía para o trabalho.

Também comia o almoço dela.

Quando a mãe voltava ao meio-dia e não encontrava nada para comer, ficava furiosa e batia no filho com uma enxada, uma pá, qualquer coisa que lhe estivesse à mão. Algumas surras foram tão violentas quanto as que ele recebeu mais tarde dos guardas.

Apesar disso, o menino pegava toda a comida da mãe que podia, sempre que conseguia. Não lhe ocorria que, se comesse o almoço dela, a mãe passaria fome. Muitos anos depois, quando ela estava morta e ele morava nos Estados Unidos, Shin me disse que a amava. Mas isso era resultado de uma retrospectão. Isso foi depois que ele aprendeu que uma criança civilizada devia amar sua mãe. Quando estava no campo — dependendo dela para todas as refeições, furtando sua comida, suportando as surras —, ele a encarava como uma adversária na luta pela sobrevivência.

Seu nome era Jang Hye Gyung. Shin lembra-se dela como baixa e ligeiramente rechonchuda, com braços fortes. Usava o cabelo curto, como todas as mulheres no campo, e era obrigada a cobrir a cabeça com um pano branco dobrado num triângulo e amarrado na nuca. Shin descobriu a data de nascimento dela — 1º de outubro de 1950 — num documento que viu durante um interrogatório na prisão subterrânea.

Ela nunca lhe falou sobre seu passado, sobre sua família, ou sobre por que estava no campo, e ele nunca perguntou. Sua existência como filho dela fora arranjada pelos guardas. Ela e o homem que se tornou

pai de Shin foram selecionados para premiar um ao outro, num casamento de “recompensa”.

Homens e mulheres solteiros viviam em dormitórios segregados por sexo. A oitava regra do Campo 14, que Shin teve de memorizar, dizia: “Caso ocorra contato físico sexual sem prévia aprovação, os perpetradores serão fuzilados imediatamente.”

As regras eram as mesmas em outros campos de trabalhos forçados norte-coreanos. Segundo minhas entrevistas com um ex-guarda e vários ex-prisioneiros, se o sexo não autorizado resultasse numa gravidez ou num nascimento, a mulher e seu bebê, em geral, eram mortos. Eles disseram que as mulheres que faziam sexo com guardas, na tentativa de obter mais comida ou de arranjar um trabalho mais fácil, sabiam que os riscos eram altos. Se engravidassem, elas desapareciam.

Um casamento por recompensa era a única maneira segura de contornar a regra de abstenção do sexo. Acenava-se aos prisioneiros com o casamento como o bônus supremo por trabalho árduo e delação confiável. Os homens tornavam-se elegíveis aos 25 anos; as mulheres, aos 23. Os guardas anunciavam casamentos três ou quatro vezes por ano, geralmente em datas propícias, como o Ano-Novo ou o dia do aniversário de Kim Jong Il. Nem o noivo nem a noiva tinham muita voz na escolha da pessoa com quem se casariam. Se um parceiro considerasse o cônjuge que lhe fora designado inaceitavelmente velho, cruel ou feio, os guardas por vezes anulavam o casamento. Nesse caso, porém, nem o homem nem a mulher teriam nova permissão para se casar.

O pai de Shin, Shin Gyung Sub, contou que os guardas lhe deram Jang como pagamento por sua habilidade na operação de um torno de metal na oficina mecânica do campo. A mãe nunca revelou como fez jus àquela honra.

Mas para Jang, como para muitas noivas no campo, o casamento era uma espécie de promoção. Ele vinha com um emprego ligeiramente melhor e melhor moradia — na aldeia-modelo, onde havia uma escola e uma clínica médica. Pouco após seu casamento, ela deixou um dormitório

rio apinhado de mulheres na fábrica de roupas do campo e foi transferida para lá. Ganhou também um cobiçado cargo numa fazenda próxima, onde havia oportunidades de furtar milho, arroz e verduras.

Após o casamento, o casal teve permissão para dormir junto durante cinco noites consecutivas. Dali em diante, o pai de Shin, que continuou a morar num dormitório em seu local de trabalho, passou a ter licença para visitar Jang algumas vezes por ano. A ligação de ambos produziu dois filhos. O mais velho, He Geun, nasceu em 1974. Shin nasceu oito anos depois.

Os irmãos mal se conheciam. Na época em que Shin nasceu, o mais velho passava dez horas por dia numa escola primária. Quando Shin completou quatro anos, o irmão foi removido (na idade obrigatória de 12 anos) de casa para um dormitório.

Quanto a seu pai, Shin lembra-se de que ele aparecia de vez em quando à noite e ia embora cedo, na manhã seguinte. Dava pouca atenção ao menino, que cresceu indiferente a sua presença.

Nos anos que se seguiram à fuga do campo, Shin aprendeu que muitas pessoas associavam carinho, segurança e afeto às palavras “mãe”, “pai” e “irmão”. Essa não era a sua experiência. Os guardas ensinavam para ele e as demais crianças que elas eram prisioneiras por causa dos “pecados” de seus pais. As crianças ouviam que, embora deversem sempre se envergonhar de seu sangue traiçoeiro, poderiam fazer muito para “lavar” sua herança pecaminosa trabalhando com afinco, obedecendo aos guardas e delatando os próprios pais. A décima regra do Campo 14 diz que um prisioneiro deve considerar cada guarda “seu verdadeiro mestre”. Isso fazia sentido para Shin. Durante sua infância e adolescência, os pais foram pessoas exaustas, distantes e pouco comunicativas.

Shin era uma criança magricela, pouco curiosa e basicamente sem amigos, cuja única fonte de certeza eram os sermões sobre a redenção por meio da delação. Sua compreensão do certo e do errado, porém, era muitas vezes obscurecida por encontros que testemunhava entre a mãe e os guardas do campo.

Quando tinha dez anos, ele saiu de casa uma noite, à procura da mãe. Estava com fome e era a hora em que ela devia preparar o jantar. Andou até o arrozal próximo onde ela trabalhava e perguntou a uma mulher se a vira.

— Ela está limpando a sala do *bowijidowon* — disse-lhe a mulher, referindo-se ao escritório do guarda encarregado da fazenda de arroz.

Shin foi até o local e encontrou a porta da frente trancada. Espiou por uma janela na lateral do prédio. Viu a mãe de joelhos limpando o chão. Enquanto ele olhava, o *bowijidowon* aproximou-se dela por trás e começou a apalpá-la. Ela não ofereceu resistência. Os dois tiraram as roupas. Shin os viu fazer sexo.

Ele nunca questionou sua mãe sobre o episódio, nem mencionou para o pai o que viu.

Naquele mesmo ano, alunos da turma de Shin na escola primária foram solicitados a oferecer ajuda aos pais no trabalho. Certa manhã, ele se juntou à mãe para plantar mudas de arroz. Ela parecia não se sentir bem e atrasou-se na tarefa. Um pouco antes do intervalo para o almoço, seu ritmo lento chamou a atenção de um guarda.

— Sua puta — ele gritou para ela.

“Putá” era a forma de tratamento dispensada habitualmente às prisioneiras. Shin e os outros prisioneiros do sexo masculino eram chamados em geral de “filhos da puta”.

— Como é capaz de encher a barriga quando não consegue nem plantar arroz? — perguntou o guarda.

Ela se desculpou, mas o guarda foi ficando cada vez mais irritado.

— Essa puta não se emenda — gritou ele.

Enquanto Shin estava parado junto da mãe, o guarda inventou uma punição.

— Vá se ajoelhar naquele cimo e levante os braços. Fique nessa posição até que eu volte do almoço.

A mãe de Shin ficou ajoelhada sobre o cimo, ao sol, por uma hora e meia, com os braços estendidos para o céu. O menino manteve-se por perto e observou. Não sabia o que dizer a ela. Não disse nada.

Quando o guarda voltou, mandou a mulher retomar o trabalho. Fraca e faminta, ela desmaiou no meio da tarde. Shin correu até o guarda, suplicando-lhe ajuda. Outras trabalhadoras arrastaram sua mãe até uma sombra, onde ela recobrou a consciência.

Nessa noite, Shin foi com a mãe a uma reunião de “luta ideológica”, um encontro compulsório para autocrítica. Lá, ela caiu de joelhos novamente, enquanto quarenta de suas colegas de trabalho na fazenda, seguindo o exemplo do *bowijidowon*, a repreendiam por não ter sido capaz de completar sua cota de trabalho.

Nas noites de verão, Shin e alguns outros meninos pequenos de sua aldeia entravam às escondidas no pomar que ficava logo ao norte do aglomerado de casas de concreto em que viviam. Colhiam peras e pepinos verdes e comiam o mais rápido que podiam. Quando eram apanhados, os guardas os surravam com bastões e os excluíaam do almoço na escola durante vários dias.

Os guardas, porém, não se importavam que Shin e os amigos comessem ratos, rãs, cobras e insetos. Eles eram esporadicamente abundantes na vastidão do complexo, onde se usavam poucos pesticidas, recorria-se a excrementos humanos como fertilizante e não se fornecia água para a limpeza de latrinas ou banhos.

A ingestão de ratos não enchia apenas estômagos vazios; era essencial para a sobrevivência. Sua carne ajudava a evitar a pelagra, doença por vezes fatal que grassava no campo, em especial no inverno. Prisioneiros com pelagra, resultado de uma carência de proteína e niacina em suas dietas, experimentavam fraqueza, lesões da pele, diarreia e demência. A doença era uma causa frequente de morte.

Apanhar e assar ratos tornou-se uma paixão para Shin. Ele os capturava em casa, nos campos e na latrina. Costumava encontrar-se com os amigos à noite, na escola primária, onde havia uma grelha a carvão, para assá-los. Tirava-lhes a pele, raspava-lhes as entranhas, salgava a sobra e mastigava o resto — a carne, os ossos e as minúsculas patinhas.

Ele também aprendeu a usar as hastes de capim rabo-de-raposa para espetar gafanhotos-do-campo, locustas e libélulas, que assava sobre o fogo no fim do verão e no outono. Nas florestas das montanhas, onde grupos de estudantes eram enviados para catar lenha, comia uvas silvestres, groselhas e framboesas coreanas aos montes.

Durante o inverno, a primavera e o início do verão, havia muito menos o que comer. A fome o impelia, bem como a seus amigos de meninice, a tentar estratégias que, segundo prisioneiros mais velhos, podiam aliviar o desconforto de um estômago vazio. Eles faziam suas refeições sem tomar água nem sopa, com base na teoria de que a ingestão de líquidos acelerava a digestão e apressava o retorno das dores da fome. Também tentavam abster-se de defecar, acreditando que isso faria com que se sentissem cheios e menos obcecados por comida. Uma técnica alternativa de combate à fome consistia em imitar as vacas, regurgitando uma refeição recente e comendo-a de novo. Shin experimentou o artifício algumas vezes, mas isso não ajudou a aliviar sua fome.

O verão, quando crianças eram enviadas para os campos para ajudar a plantar e capinar, era a estação em que os ratos e os camundongos ficavam mais abundantes. Shin lembra-se de comê-los todos os dias. Os momentos de sua infância em que se sentia mais feliz, mais contente, eram aqueles em que tinha a barriga cheia.

O “problema da comida”, como costuma ser chamado na Coreia do Norte, não está confinado aos campos de trabalhos forçados. Ele tolheu os corpos de milhões de pessoas em todo o país. Os meninos adolescentes que fugiram do Norte na última década eram em média 12,7 centímetros mais baixos e pesavam 11,33 quilos a menos que os que cresciam na Coreia do Sul.¹

O retardo mental causado pela desnutrição infantil precoce desqualifica cerca de um quarto dos recrutas potenciais das forças armadas na Coreia do Norte, segundo o Conselho Nacional de Inteligência, uma instituição de pesquisa que faz parte da comunidade de inteligência dos

Estados Unidos. Seu relatório dizia que incapacidades intelectuais provocadas pela fome entre os jovens provavelmente frustrariam o crescimento econômico, mesmo que o país se abrisse para o mundo exterior ou se unisse ao Sul.

Desde os anos 1990, a Coreia do Norte tem sido incapaz de cultivar, comprar ou distribuir alimentos suficientes para sua população. Em meados dessa década, a fome matou talvez um milhão de norte-coreanos. Se uma taxa de mortalidade semelhante ocorresse nos Estados Unidos, reclamaria cerca de 12 milhões de vidas.

No final dos anos 1990, o desastre alimentar no país foi aliviado quando o governo concordou em aceitar auxílio internacional. Os Estados Unidos tornaram-se seu maior doador, ao mesmo tempo em que continuavam a ser seu mais demonizado inimigo.

A Coreia do Norte precisa produzir, a cada ano, mais de cinco milhões de toneladas de arroz e outros cereais para alimentar seus 23 milhões de habitantes. Quase todos os anos, fica aquém dessa meta, em geral por cerca de um milhão de toneladas. Com invernos prolongados e montanhas altas, o país carece de terra arável, recusa incentivos aos agricultores e não tem recursos para custear combustível ou equipamentos agrícolas modernos.

Durante anos, escapou por pouco de catástrofes alimentares graças a subsídios de Moscou. Quando a União Soviética desmoronou, esses subsídios cessaram, e a economia do país, com planejamento central, parou de funcionar. Não havia mais combustível gratuito para suas fábricas obsoletas, não havia mais mercado garantido para suas mercadorias geralmente de qualidade inferior, nem acesso aos fertilizantes químicos baratos de fabricação soviética dos quais a agricultura estatizada havia se tornado dependente.

Por vários anos, a Coreia do Sul ajudou a preencher a lacuna, doando a Pyongyang meio milhão de toneladas de fertilizantes anualmente como parte de sua “Sunshine Policy” (Política do Raio de Sol), na tentativa de atenuar as tensões Norte-Sul.

Em 2008, quando uma nova liderança em Seul cortou o fornecimento gratuito de fertilizantes, a Coreia do Norte tentou fazer em âmbito nacional o que vinha fazendo havia décadas em seus campos de trabalhos forçados. As massas foram instruídas a fabricar *toibee*, um fertilizante feito com cinzas misturadas a excrementos humanos. Nos últimos invernos, dejetos congelados foram recolhidos de banheiros públicos em cidades e vilas de todo o país. Fábricas, empresas públicas e bairros receberam ordem de produzir duas toneladas de *toibee*, de acordo com a Good Friends, uma organização filantrópica budista com informantes no país. Na primavera, secava-se esse material ao ar livre, antes de ser transportado para fazendas estatais. Mas os fertilizantes orgânicos não chegaram nem perto de substituir os produtos químicos dos quais as fazendas estatais dependeram por décadas.

Segregado atrás de uma cerca eletrificada durante os anos 1990, Shin não soube que seus compatriotas estavam desesperadamente famintos.

Nem ele nem seus pais (até onde soube) ouviram falar que o governo enfrentava dificuldades para alimentar o Exército ou que pessoas morriam de inanição em seus apartamentos em cidades da Coreia do Norte, inclusive na capital.

Eles não souberam que dezenas de milhares de norte-coreanos haviam abandonado suas casas e caminhavam para a China em busca de comida. Tampouco foram os beneficiários dos bilhões de dólares de ajuda alimentar despejados no país. Durante aqueles anos caóticos, quando o funcionamento básico do governo de Kim Jong Il estacou, especialistas do Ocidente escreveram livros com títulos apocalípticos, como *O fim da Coreia do Norte*.

Esse fim não podia ser avistado em lugar algum do Campo 14, que era autossuficiente, exceto por carregamentos ocasionais de sal, que chegavam por via ferroviária.

Os prisioneiros cultivavam seu próprio milho e repolho. Como trabalhadores escravos, produziam hortaliças, frutas, peixes de cativeiro,

BLAINE HARDEN

carne de porco, uniformes, cimento, cerâmica e artigos de vidro para a economia que desmoronava do lado de fora da cerca.

Shin e a mãe sentiram-se infelizes e famintos durante a crise de fome, mas não mais do que o de costume. O menino continuava como antes, caçando ratos, surrupião a comida da mãe e sempre suportando suas surras.